

O SÁBADO NO APOCALIPSE E SUA RELAÇÃO COM A CRISE FINAL

João Antônio Rodrigues Alves
LAENE, Cachoeira, Bahia, BRASIL
rodriguesalves_ja@yahoo.com.br

Resumen

Este artículo enfoca el tema del sábado en el Apocalipsis, particularmente en la sección central de la estructura literaria (Ap 11:19-15:4), evidenciando su importancia en los episodios finales de la gran controversia entre Cristo y Satanás. Se destaca el texto de Apocalipsis 14:7, su relación con Éxodo 20:8-11, y la enemistad en contra de la ley de Dios como se percibe en Daniel 7:25 y sus paralelos en Apocalipsis 13. La conclusión es que el conflicto final entre Cristo y Satanás involucra el mandamiento del sábado y un llamado a toda la humanidad para que adore al Señor en el día designado por Él.

Abstract

This article presents the topic of the Sabbath in Revelation, particularly in the central section of the literary structure (Rev 11:19-15:4), demonstrating its importance in the final episodes of the great controversy between Christ and Satan. This article highlights the text of Revelation 14:7, its relationship with Exodus 20:8-11, and enmity against God's law as seen in Daniel 7:25 and its parallel texts in Revelation 13. The conclusion is that the final conflict between Christ and Satan includes the Sabbath commandment and a call to all mankind to worship the Lord on the day designated by Him.

INTRODUÇÃO

Os adventistas do sétimo dia consideram que o sábado como dia de descanso ocupa uma posição destacada nos acontecimentos que conduzirão ao desfecho da história da humanidade e conseqüente inauguração do reino eterno de Cristo. E, por sua importância neste momento tão especial da história, entendemos que haverá uma ação, liderada por agentes satânicos e humanos, contrários aos planos de Deus, para remover o sábado de seu lugar próprio, estabelecendo um falso sábado como substituto do verdadeiro. Tal ação foi revelada pelo profeta Daniel (cap. 7) e, no Apocalipse, o apóstolo João apresenta sua profecia de maneira a destacar a importância do verdadeiro dia de adoração para a humanidade que será confrontada com uma decisão que afetará seu destino eterno.

No ambiente adventista, é de conhecimento geral as claras afirmações de EGW acerca do papel do sábado na identificação dos verdadeiros cristãos no tempo do fim. Como exemplo, destacamos a seguinte:

O sábado será a pedra de toque da lealdade; pois é o ponto da verdade especialmente controverso. Quando sobrevier aos homens a prova final, traçar-se-á a linha divisória

entre os que servem a Deus e os que não O servem. Ao passo que a observância do sábado espúrio em conformidade com a lei do Estado, contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que se acha em oposição a Deus, é a guarda do verdadeiro sábado, em obediência à lei divina, uma prova de lealdade para com o Criador.¹

Entretanto, alguns poderiam argumentar que, embora reconhecendo a importância atribuída ao sábado por Ellen White, o livro do Apocalipse parece não enfatizar o sábado ao tratar dos eventos relacionados com o conflito final. Estaria correta tal observação? Ou seria possível fundamentar exegeticamente a importância do sábado a partir do próprio texto bíblico?

ENCONTRAMOS O SÁBADO NO APOCALIPSE?

A primeira observação a se fazer, a bem da verdade, é que o termo “sábado” não se encontra no texto bíblico do Apocalipse. No entanto, ao mesmo tempo em que fazemos tal afirmação, destacamos que o conceito do “sábado” se encontra presente de forma inequívoca na seção central do livro.

Para efeito de maior clareza, destacamos aqui a estrutura literária do livro para evidenciar a posição central do sábado no contexto do livro do Apocalipse. É reconhecido por muitos estudiosos que a estrutura literária do Apocalipse se apresenta organizada em forma de um quiasmo, conforme o modelo a seguir:²

Prólogo – 1:1-8

- A. As sete cartas – 1:9-3:21
- B. Os sete selos – 4:1-8:1
 - C. As sete trombetas – 8:2-11:18
 - D. O Grande Conflito – 11:19-15:4
- C'. As sete pragas – 15:5-18:24
- B'. O Milênio – 19:1-20:15
- A'. A Nova Jerusalém – 21:1-22:5

Epílogo – 22:6-21

Figura 1

¹ Ellen G. White, *O grande conflito* (Santo André, SP: CPB, 1980), 611.

² Cf. propostas literárias em Jon Paulien, *The Deep Things of God: An Insider's Guide to the Book of Revelation* (Hagerstown, Md.: Review and Herald, 2004), 123; Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ* (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 2002), 141, 36-37; Kenneth A. Strand, *Interpreting the Book of Revelation* (Worthington, Oh.: Ann Arbor Publishers, 1976), 43-59; C. Mervyn Maxwell, *Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: CPB, 2002), 62-63; Elisabeth Schüssler Fiorenza, *Revelation: Vision of a Just World* (Minneapolis, Minn.: Fortress Press, 1991), 35-36.

Uma observação, ainda que superficial, da estrutura acima, revela que o tema central do livro encontra-se na seção D, aqui denominada de O Grande Conflito. Pela descrição, somos informados da inimizade do dragão (Ap 12), identificado como a antiga serpente, que se chama diabo e satanás (v. 10), contra Cristo, o Filho varão (v. 4), contra a igreja, simbolizada por uma mulher pura (v. 7) e contra o remanescente (v. 17). Neste processo, o diabo conta com aliados, identificados no capítulo 13 como a “besta do mar” (vv. 1-10) e a “besta da terra” (vv. 11-18), formando assim um trindade satânica, uma confederação do mal.

Por ter sido vencido no confronto direto (12:7-12), Satanás mudou sua estratégia e, através de seus aliados, busca aquilo que sempre foi o seu objetivo: ocupar o lugar de Deus. O início do conflito foi caracterizado pela tentativa de Lúcifer de ocupar o “monte santo de Deus”, ou seja, o santuário celestial (Is 14; Ez 28).³ Como fracassou neste objetivo inicial, transferiu sua atividade para nosso planeta, tendo sido bem-sucedido em seu assalto sobre nossos primeiros pais (Gn 3). Deve ser observada a contradição da ordem direta de Deus, assim introduzindo a dúvida e a desconfiança em relação à Palavra falada de Deus. Nisto encontramos um paralelo do que ocorrerá no final deste grande conflito: Satanás levará as pessoas a duvidarem da Palavra Escrita, ou por uma contradição direta, ou então clamando por uma “reinterpretação” da ordem de Deus à luz de algum evento relacionado com a Pessoa de Cristo, travestindo assim a desobediência em uma suposta consagração/reconhecimento de Jesus. Tal engano, assim revestido, será quase irresistível.

É importante também destacar que os capítulos 12 e 13 do Apocalipse fazem referência a algumas estratégias usadas por satanás em sua luta incansável contra Cristo: o engano, a sedução (Ap 12 – sedutor de todo o mundo), sinais (até fogo faz descer do céu à vista dos homens – Ap 13:13), boicote econômico (não comprar e vender – Ap 13:17) e ameaça de morte (fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta – 13:15), etc.

A tragédia encontrada aqui é que, finalmente, o diabo conseguirá aquilo que está buscando desde o início: receber adoração. Na verdade, culto/adoração é “claramente a questão central na crise final da história da terra”.⁴ Observe a grande quantidade de referências ao verbo “adorar” na perícopie (11:19-15:4): oito vezes. Isto indica sua importância nesta etapa final do grande conflito. A profecia nos informa sete vezes que haverá uma adoração do dragão, da besta do mar e da imagem da besta.

Está escrito que “toda a terra se maravilhou, seguindo a besta” (13:3) e, como resultado, “adoraram o dragão” e “também adoraram a besta” (v. 4). Sendo assim, a pergunta óbvia é: Quem prestou esta adoração? O Apocalipse não nos deixa em dúvi-

³ Cf. Richard M. Davidson, “Cosmic Metanarrative for the Coming Millennium”, *Journal of the Adventist Theological Society* 11.1, 2 (2000): 107.

⁴ Jon Paulien, “Revisiting the Sabbath in the Book of Revelation”, *Journal of the Adventist Theological Society* 9.1, 2 (1998), 183.

da. A resposta é clara. É dito que “toda a terra” (v. 3), “os que habitam sobre a terra” (vv. 8 e 14), “a terra e os seus habitantes” (v. 12), “aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro” (v. 8). Isto é uma clara evidência do alcance universal das atividades de satanás e seus aliados, o que, por si só, revela a importância do tema para todos nós. Ninguém estará isento. Ninguém pode assumir uma posição neutra.

E há um elemento de urgência que não pode ser ignorado. A preparação para estes eventos não é algo que se pode deixar para amanhã. Toda a nossa vida deve estar dirigida com incessante atenção para este momento. Devemos estar preparados. Nossa atitude presente expressa nosso futuro último. O que se requer de nós é que vivamos nossa vida em antecipação, como se cada momento fosse o derradeiro.

E quem são estes “habitantes da terra”? Esta expressão ocorre várias vezes no livro (3:10; 6:10; 8:13; 11:10; 13:8, 14; 17:2, 8) e “se refere consistentemente aos ímpios”, “aqueles que resistem ao Evangelho e perseguem o povo fiel de Deus”.⁵ Adicionalmente, é dito dos “moradores da terra” que seus “nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro” (13:8).

Ao receber adoração dos moradores da terra, identificamos a natureza usurpadora da besta, que assume as prerrogativas do Deus Verdadeiro,⁶ que, como está claramente expresso no Apocalipse, é digno de adoração por Sua capacidade para criar (Ap 4). Assim, os homens são levados a adorar a criatura em lugar do Criador. Mas, o que significa adorar a besta? Em palavras bem simples, significa “seguir seus costumes, prática ou ensinamentos”.⁷

Além da informação encontrada no próprio livro do Apocalipse, o fato de podermos vincular o capítulo 13 de Apocalipse com o capítulo 7 de Daniel permite visualizar o tema do sábado no contexto e destacar sua importância no tempo do fim. As conexões entre ambos os capítulos estão resumidas no quadro a seguir.

| Apocalipse 13 | TEMA | Daniel 7 |
|---------------|---|-------------|
| v. 1, 5 | 10 Chifres | v. 7 |
| v. 1 | Blasfêmia | vv. 8,20,25 |
| v. 2 | Leopardo | v. 6 |
| v. 2 | Urso | v. 5 |
| v. 2 | Leão | v. 4 |
| v. 5 | Tempo, tempos e 1/2 de um tempo// 42 meses | v. 25 |
| v. 7 | Guerra contra os santos | v. 21 |

Quadro 1

⁵ Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, 141, 238.

⁶ Jacques B. Doukhan, *Daniel: The Vision of the End* (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1987), 69.

⁷ Daniel R. Guild, *Rich Revelations of Jesus* (Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1965), 182.

No contexto de Daniel 7, verificamos que, como parte das ações anti-Deus e contra os santos, o poder político-religioso simbolizado pelo chifre pequeno cuidaria em “mudar os tempos e a lei”. O termo aramaico para “tempos” usado no verso v. 25 é *zeman*, e indica um “ponto no tempo”. Em sua forma plural, *zimmin*, como aparece no texto, indica “pontos repetidos de tempo”. O uso de “tempos” vinculado com “lei” aponta para o mandamento do sábado, o único da lei de Deus, ou Dez Mandamentos, que se relaciona com o elemento “tempo”. Podemos concluir, portanto, que um aspecto característico da oposição contra a verdade de Deus é a tentativa de atacar Sua lei e mudar o mandamento do sábado.⁸

Como visto acima, há vínculos inequívocos entre Apocalipse 13 e Daniel 7. Da mesma forma em que a profecia prediz um conflito envolvendo o sábado em Daniel 7, é de se esperar que o mesmo conflito seja encontrado na seção central do Apocalipse. É exatamente isto que ocorre. Devemos recordar que esta perícope inicia-se em Apocalipse 11:19, onde está escrito: “E abriu-se o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da aliança no Seu santuário”. Esta referência à arca da aliança, desde o início, relembra o leitor da lei de Deus, visto ser de suma importância no contexto do santuário. A lei de Deus foi guardada por Moisés dentro da arca (Ex 25:16; 40:20; Dt 10:2, 5). Portanto, é inegável que a lei de Deus desempenha um papel fundamental no contexto do conflito descrito na perícope.

Além disto, somos informados de que a ira do dragão/satanás se acende contra o remanescente final de Deus que se caracteriza por guardar os mandamentos (Ap 12:17). Este remanescente é descrito ainda como os “santos” que “guardam os mandamentos” (Ap 14:12).

Pelo que temos visto até agora, os mandamentos de Deus ocupam um lugar de destaque nesta seção central do Apocalipse. Mas, perguntaria alguém, onde especificamente se pode localizar o sábado nesta seção literária?

LOCALIZANDO O SÁBADO NA SEÇÃO CENTRAL DO APOCALIPSE

Antes de apontarmos o sábado no texto, é importante aqui destacar um aspecto crucial na composição do livro do Apocalipse, e que se reveste de fundamental importância neste processo de localizar o sábado na mensagem. Como reconhecido pelos estudiosos, o Apocalipse é um mosaico formado por referências ao AT. Estas re-

⁸ Cf. William H. Shea, *Daniel 7-12*, 139. Ver também, William Shea, “The Unity of Daniel” [pp. 181-182] em *Symposium on Daniel: Introductory and Exegetical Studies* (ed. F. B. Holbrook; Daniel and Revelation Committee Series 2; Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1986).

ferências podem aparecer em forma de citações, ecos, alusões, paralelos verbais, temáticos, etc.⁹

Com isto em mente, analisemos a primeira mensagem angélica, na qual está escrito: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo em grande voz: Temei a Deus e daí-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:6, 7). Nestes versos encontramos três temas: salvação, juízo e adoração.

A advertência para se “temer a Deus” não é algo novo, visto que é um conceito bem conhecido no AT. O temer a Deus significa “aproximar-se dEle com reverência e respeito”, incluindo também o pensamento de “absoluta lealdade a Deus, em uma submissão completa a Sua vontade”.¹⁰ Também transmite a idéia de tomar a Deus seriamente na vida, seguindo e obedecendo a Seus mandamentos. O temor a Deus está relacionado a Sua lei,¹¹ conforme se depreende do texto seguinte: “para que temas ao Senhor, teu Deus, e guardes todos os Seus estatutos e mandamentos que Eu te ordeno” (Dt 6:2).

Como conseqüência de temer a Deus a pessoa é levada a dar-Lhe glória. E este glorificar a Deus se revela em uma vida que guarda os Seus mandamentos. No AT, temer a Deus e obedecê-LO por guardar os Seus mandamentos sempre vão juntos (Dt 5:29; 6:2; 8:6; 17:19; 31:12; Sal 111:10; 112:1; 119:63; 128:1; Jer 44:10). De acordo com Salomão, temer a Deus e guardar os Seus mandamentos é o primeiro dever do ser humano (Ecl 12:13). Portanto, “é no sentido de obedecer a Deus e Seus mandamentos que se deve entender este ‘dar glória’ em Apocalipse 14:7”.¹²

O contraste é evidente: enquanto os “moradores da terra” adoram a besta e o dragão, o povo de Deus do tempo do fim no Apocalipse é referido como os que temem a Deus (Ap 11:18; 15:4; 19:5) e guardam os Seus mandamentos (cf. Ap 12:17; 14:12).¹³ Encontramos, portanto, um chamado à adoração do Criador no momento em que o mundo se divide entre os adoradores do dragão e da besta e os adoradores do Criador. Por aparecer no centro da estrutura literária do livro, vemos destacada a sua centralidade e importância. Como observou Jon Paulien, este chamado à adoração está “no centro do centro do centro do livro do Apocalipse”.¹⁴

Não pode ser passado por alto o fato de voltarmos ao tema da adoração, vinculado com a criação. Não se pode ignorar que, no Apocalipse, como de resto em toda a Es-

⁹ Ver Paulien, *The Deep Things of God*, 134-152.

¹⁰ Francis D. Nichol, ed., *Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día* (Boise, Id.: Publicaciones Interamericanas, 1990), 7:841.

¹¹ Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation* (Hagerstown, Md.: Review and Herald, 2002), 124.

¹² Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, 441.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Jon Paulien, *Seven Keys: Unlocking the Secrets of Revelation* (Nampa, Id.: Pacific Press, 2009), 111.

critura, a característica básica sobre a qual se baseia a verdadeira adoração, é a capacidade criadora daquele que pretende receber adoração. Desta forma, em Apocalipse 4, “Aquele que Se acha sentado no trono”, ou seja, Deus, o Pai, é adorado pelos 24 anciãos e os 4 seres viventes, com as seguintes aclamações: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as cousas Tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11).

Portanto, temos no Apocalipse um vínculo explícito e inquebrantável entre a verdadeira adoração e o Criador. Quando vamos a Apocalipse 14:7, encontramos que o convite celestial para que se adore ao Criador está construído sobre o quarto mandamento (Ex 20:8-11). Os vínculos entre as duas passagens são destacados no quadro seguinte:

| Apocalipse 14:7 | Êxodo 20:8-11 |
|------------------------|----------------------|
| Aquele | O Senhor |
| Que fez | Fez |
| Os céus | Os céus |
| A terra | A terra |
| E o mar | E o mar |

Quadro 2

Pode-se afirmar, portanto, que a mensagem do primeiro anjo, convidando a humanidade a adorar “Aquele que fez os céus, a terra e o mar”, é uma clara referência ao quarto mandamento, que justifica a observância do sábado com base no ato criador de Deus. Temos, assim, uma referência direta ao sábado na seção central do Apocalipse, vinculada a um chamado celestial para que se adore ao Criador. O sinal de Seu poder criador é o sábado. É neste contexto que se insere o conflito com relação ao dia de guarda. Qual a evidência de que você realmente tem um compromisso de fé com o verdadeiro Deus? De que você forma parte do povo leal de Deus do tempo do fim? De que você reconhece a Deus como o seu Criador e Redentor? A maneira “mais adequada de adorar a Deus como Criador é adorá-LO no dia que Ele separou, santificou e abençoou como um memorial de Sua criação, o sábado do sétimo dia (Gn 2:2-3)”,¹⁵ um dia especial para que os Seus filhos tributem a Ele a “glória devida ao Seu nome” (Sl 29:2).

Não se pode subestimar a importância da questão do sábado no contexto da crise final que se abaterá sobre toda a humanidade. Este não é um assunto periférico, um apêndice teológico irrelevante, que se pode descartar sem maiores consequências. Pelo contrário, pelo que temos visto, reveste-se da mais alta significação, visto que o tema

¹⁵ William Shea, “The Theological Importance of the Preadvent Judgment”, 331-332, em *Seventy Weeks, Leviticus, Nature of Prophecy* (ed. F. B. Holbrook; Daniel and Revelation Committee Series 3; Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1986). Ver também, Hans K. LaRondelle, *Las profecías del fin* (Florida: Bs. As: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999), 340.

da adoração, e o dia envolvido, “é o problema escatológico central. A humanidade será confrontada com a decisão suprema – adorar a besta ou adorar a Deus”.¹⁶

Surgem, entretanto, algumas vezes, questionamentos com respeito a esta ênfase na observância do sábado como dia de repouso em vigor para os cristãos, sob a argumentação de que a mensagem da salvação em Cristo se sobrepõe a quaisquer exigências envolvendo um dia específico dedicado à adoração. Sendo assim, perguntamos: será que a mensagem do sábado é oposta à mensagem da liberdade proporcionada pelo evangelho de Cristo?

A OBSERVÂNCIA DO SÁBADO E A LIBERDADE DO EVANGELHO

Apocalipse 14:6 apresenta o tema da salvação em sua referência ao Evangelho eterno. No tempo do fim Deus terá um povo livre – liberto deste mundo, liberto da servidão imposta pelo pecado. Este povo livre fará a sua escolha nesta hora crucial da história da humanidade.

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer o vínculo existente nestes versos entre o evangelho e o sábado. Devemos recordar que o preâmbulo dos Dez Mandamentos diz: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão”, ou seja, o tema aqui é o de salvação. Deus está dizendo ao povo recém-saído do Egito: “Eu sou o Salvador. Vocês estão livres. Agora podem me obedecer.” Somente pessoas livres podem obedecer. O escravo não pode. Israel no Egito era escravo. Obedecia aos capatazes de Faraó. Agora está livre. Pode obedecer ao seu Libertador. No caso, o povo de Deus do passado desfrutava da liberdade propiciada por Deus, o que lhe permitia cultivar ao seu Libertador no dia designado por Ele.

Norman Gulley captou corretamente esta relação entre a salvação e o sábado, ao declarar que “o sábado é realmente a própria essência do Evangelho no tempo do fim. Não há evangelho sem o sábado, e não há sábado sem o evangelho. A Escritura combina inseparavelmente os dois, especialmente nos acontecimentos do tempo do fim. Um ataque contra um é um ataque contra ambos... O triste fato no tempo do fim é que a separação do sábado de Cristo leva inexoravelmente à separação de Ele, e a rejeição de Cristo leva a uma negação de Seu sábado”.¹⁷

Lembremos que, no Apocalipse, a humanidade se divide em dois, e apenas dois, grupos: os moradores da terra, que são enganados pela trindade satânica, os quais adoram o dragão, a besta, e a imagem da besta, aceitando um falso dia de repouso como

¹⁶ Norman R. Gulley, “Daniel’s Pre-Advent Judgment in its Biblical Context”, *Journal of the Adventist Theological Society* 2 (1991): 55.

¹⁷ Norman R. Gulley, *¡Cristo viene! Un enfoque cristocéntrico de los eventos de los últimos días* (Florida, Bs. As.: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2003), 379-380.

dia de culto e adoração, e o segundo grupo, constituído pelo remanescente, ou santos (Ap 12:17; 14:12), que são os seguidores do Cordeiro (Ap 14:4), que guardam os mandamentos do Senhor, incluindo o sábado, o sinal do poder criador de Deus.

Não se trata da observância legalística de um mandamento concernente a um dia da semana, mas sim de uma “experiência”. O povo de Deus do tempo do fim guarda “o sábado de Cristo” e assim “repousa nEle”. É um povo que “experimenta o sábado repousando no Criador”¹⁸ que os guarda em meio às aflições da crise final da história deste mundo.

CONCLUSÃO

Os argumentos apresentados acima, a partir de uma análise dos textos, parecem suficientemente claros ao estudante da Bíblia, evidenciando que, no centro do livro do Apocalipse, no momento em que a humanidade será chamada a decidir sobre sua lealdade ao Criador ou aos poderes do mal, a resposta ao convite da primeira mensagem angélica inevitavelmente levará à aceitação e guarda do sábado do sétimo dia, como sinal de que realmente somos filhos de Deus, salvos por Cristo, vivendo sob a graça, andando nos caminhos do Senhor. Se o entendimento acima é correto, como cremos que seja, permanece uma questão que cada cristão deve responder com toda a sinceridade: que resposta darei ao convite divino para adorá-lo como o meu Criador e Redentor, no dia que Ele mesmo designou como o dia santo do Senhor?

¹⁸ Ibid., 382.